



DESEJO E CIVILIZAÇÃO FRENTE AO “CADERNO III” DE AMANHÃ AMADRUGADA, DE VERA DUARTE

*DESIRE AND CIVILIZATION BEFORE THE “CADERNO III” SECTION
OF VERA DUARTE’S AMANHÃ AMADRUGADA*

*DESEO Y CIVILIZACIÓN ANTE AL “CADERNO III”
DE AMANHÃ AMADRUGADA, DE VERA DUARTE*

Gustavo Calvano

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
calvanogustavo@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0005-3403-8423>

Viviane da Silva Vasconcelos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
vvasconcelosviviane@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-8771-6110>

DOI

[10.35520/mulemba.2025.v17n32e67421](https://doi.org/10.35520/mulemba.2025.v17n32e67421)

Recebido: 28 fev. 2025

Aprovado: 3 jun. 2025



A Mulemba adota a licença Creative Commons
Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC).

RESUMO

Tendo sido celebrados recentemente os trinta anos de publicação da paradigmática coletânea de poemas *Amanhã amadrugada*, da cabo-verdiana Vera Duarte, apoia-se nas teorias psicanalíticas para estabelecer uma leitura de uma de suas seções, o terceiro “Caderno”, frente aos conceitos de civilização e desejo. Também configura-se, como eixo orientador, o contexto da libertação de Cabo Verde. Trata-se de uma discussão de inspiração filosófica e antropológica, que ainda se debruça em relações intertextuais de diversas ordens no trabalho de investigação da natureza humana.

Palavras-chave: Vera Duarte, desejo, civilização, psicanálise.

ABSTRACT

Having been recently celebrated the thirty-year publication anniversary of the paradigmatic poetic collection Amanhã amadrugada, by Capeverdian author Vera Duarte, it is established a reading of one of its sections, the third “Caderno”, based on the psychoanalytic theories and facing the concepts of civilization and desire. The context of Cape Verde’s liberation from Portuguese colonization is drawn up as a guiding axis of the assignment. This is a discussion of philosophical and anthropological inspiration, which also lies in the intertextual relation of diverse sorts in the work of investigation of human nature.

Keywords: Vera Duarte, desire, civilization, psychoanalysis.

RESUMEN

Habiendo sido celebrados treinta años de la publicación de la paradigmática colección de poemas Amanhã amadrugada, de la autora caboverdiana Vera Duarte, se apoya en las teorías psicoanalíticas para establecer una lectura de una de sus secciones, el tercer “Caderno”, ante a los conceptos de civilización y deseo. También se elige, como eje orientador, el contexto de liberación de Cabo Verde de la colonización portuguesa. Se trata de una discusión de inspiración filosófica y antropológica, que aún se dedica a relaciones intertextuales de diferentes órdenes en el trabajo de investigación de la naturaleza humana.

Palabras clave: Vera Duarte, civilización, deseo, psicoanálisis.



[...] and Gibraltar as a girl where I was a Flower of
the mountain yes when I put the rose in my hair [...]

James Joyce

A gente não sabe o lugar certo de colocar o desejo
Caetano Veloso

Introdução e reflexões teórico-contextuais

A preocupação sócio-antropológica de Mauss e Durkheim (2007 [1913], p. 596-597) demarca que “Uma civilização constitui uma espécie de meio moral no qual são mergulhadas diversas nações e onde cada cultura nacional é apenas uma forma particular.” Atribuímos essa concepção à rede de comunidades que comungam entre si o passado de dominação portuguesa¹; trata-se de um conjunto de culturas e populações irmanadas por triplo processo de homogeneização: a colonização ibérica, o Estado moderno e a marginalização frente à globalização.

Se fraternal, tal complexo cultural é certamente *parricida*². Alvo, por um lado, de maior recalcamento na América e, por outro, de grande impetuosidade em África e Ásia, o esforço contra os recursos simbólicos do colonialismo exige reestruturação e redefinição de seus signos, em atividade especulativa que amiúde conecta a imaginação de um porvir idílico ao retorno à vivência autóctone, pré-invasão europeia. Veja-se no trecho do poema abaixo, cujo uso do termo “horizonte” redefine um lugar-comum da poesia em português ao relacioná-lo à vivência africana, marcada por uma materialidade que simultaneamente relembrava e anuncia:

Lá no horizonte
o fogo
e as silhuetas escuras dos imbondeiros
de braços erguidos.
No ar o cheiro verde das palmeiras queimadas.

Poesia africana. [...] (Agostinho Neto, 2016)

1 Maior delineamento do tópico pode ser encontrado em MONTAURY, Alexandre. Comunidade e imunidade pós-colonial: o campo literário e cultural nos espaços da língua portuguesa. Abril, Niterói, v. 7, n. 14, p. 41-54, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29848>. Acesso em: 03/01/2024.

2 No contexto da dita “civilização lusófona”, a conquista da modernidade encena um Complexo de Édipo em que, certamente, a morte deve atingir o “pai” Portugal e a proibição recai na “mãe” África. A substituição da maturidade psicossexual residiria, portanto, na já mencionada reformulação de signos. A referência à psicanálise perpassa toda esta escrita.

Afunilando a análise, lembremos a especificidade de Cabo Verde, arquipélago na costa da Guiné cuja dominação perdurou de 1460 a 1975. Trata-se de uma nação *forjada* pela empresa colonial portuguesa, dado que a integridade de suas ilhas era inabitada antes de sua utilização como entreposto-chave da rota escravagista que marcaria o Atlântico por três séculos. Sob a égide da mestiçagem, é historicamente uma tarefa cabo-verdiana estabelecer suas políticas de pertencimento nacional sem apoiar-se em um passado compartilhado etnicamente.

O que se tenta provar neste ensaio, baseado em porção do paradigmático *Amanhã amadrugada*, da cabo-verdiana Vera Duarte, é que, deslocado de mitos fundadores como os que alicerçariam Angola e Brasil³, seu país é marcado por uma cultura que se orienta na origem do próprio humano, ou seja, na força vital que se identifica como *desejo*.

Leituras do “Caderno III”

O Amor, sendo justamente a expressão máxima do desejo, representa exemplarmente a ambivalência de sua conformação como *falta* que leva a um *impulso*, este fagulha da animação *desejante*, aquela motor da angústia *desejosa*. Isso é palpável no abraço de amantes que, ainda que agraciados pelo contato físico, já se desesperam pela vindoura separação de seus corpos; a *anábase* da aventura amorosa não se pode desvincular da *catábase* da finitude humana.

Considere-se, ainda sob esse viés, a contribuição de Chauí ao relacionar Freud e Espinosa. A autora enlaça que, nessa interlocução, o desejo adivinha-se por fragmentos obtusos de memória, ou ainda resíduos imagéticos que escapam ao simbolismo da proibições da Lei. Mais ainda,

A relação com a memória é relação com o tempo e o desejo se constitui como temporalidade, aptidão do sujeito para protelar indefinidamente a satisfação, desligando-se do dado presente, encontrando mediações que o remetem ao ausente e abrindo-se para o que conhecemos como imaginário e simbólico. (Chauí, 1990, p. 25)

3 O caso africano está calcado na sobressaliente dos quimbundos no cenário pós-independência, enquanto o americano assinala a confluência pacífica de três raças na composição populacional: negros, brancos e indígenas. Em um e em outro caso, trata-se de narrativas totenizadas severamente contestadas e questionadas no seio das disputas de poder e discurso de grupos minoritários na contemporaneidade.

No que respeita a *Amanhã amadrugada* (2023), volume que compila a produção poética de Vera Duarte no ínterim de dez anos após a libertação cabo-verdiana de Portugal, pretende-se trabalhar seu “Caderno III: poemas de bloqueio — e de amor e de ausência (1975–1980)”. Vale ressaltar a natureza paradigmática dos três últimos signos, *bloqueio*, *amor* e *ausência*, diante da discussão ensejada.

Engajada no contexto da guerra, a lírica da poetisa parte do material ao simbólico, tomado o pressuposto da condição dupla que caracteriza o humano. Se o belíssimo “Momento”, calcado no reduto fenomenológico da impressão e do fluxo de consciência, inicia-se com

Neste momento em que te amo
um homem em êxtase fala de liberdade
Neste momento em que te amo
na Namíbia e no Zimbabué violam-se acordos
feitos nas capitais dos impérios [...] (p. 55)

logo é inserida a carga elementar da pulsão de morte⁴, levada ao extremo da desesperança da perda do Nirvana do ventre materno dado ao contexto de brutalidade da guerra colonial, mas sem que se perca o sema de esperança tangível na potencialidade da criança que nasce, *Cabo Verde*.

Neste momento em que te amo
uma esperança nasce para o mundo
na criança arrancada
à barriga grávida de uma mulher [...]. (p. 55)

A imagem poética debruçada na maternidade reaparece em “Chuva”,

[...]
as dores avolumaram-se
mas a chuva não veio
transformar em alegria a longa angustiada espera

4 A relevância desse conceito também se presentifica em trechos como “Meu corpo/de um só amor/bebido pelas águas/desapareceu líquido no mar” (p. 57), nos quais se correlaciona, com clareza, a satisfação plena do desejo primordial e a falência do corpo físico.

mamãe!
quero enfim descansar
embala-me em teu regaço
e conta-me aquela história linda
do ano das boas “as águas” (p. 60)

que, em conjugação com “Corpo”,

[...]
...e que um mundo irmão
limpo e incorrupto
floresça à tua passagem
de sacrifício em flor (p. 53)

complexifica a discussão em torno de um “futuro ancestral”, ancorado na contrariedade feminina frente ao acirramento das dinâmicas da cultura patriarcal, dado ao fato de as relações familiares demandarem intensa disposição sentimental da libido, conteúdo limitado que ainda é fatigado pelas necessidades de sublimação crescentes da civilização (Freud, 2011, p. 48-49). Nesse sentido, a reconexão com o sentimento *materno* representa o porvir de um mundo *irmão*, o que respeita o sentimento de origem descrito no citado “O mal-estar na civilização”. Arrematando a questão ao reconhecer a força libidinal imutável do ser humano, em muito contrária ao movimento civilizatório, tem-se a máxima abaixo, que relaciona o avanço técnico à satisfação de impulsos primevos:

O discurso médico se substitui ao discurso clerical; um poder suplanta outro poder; somos todos doentes antes que pecadores, e a Ciência autoriza uma esperança de salvação que vem quebrar o ídolo de um Salvador. Teríamos realmente dado um passo adiante? (Cariou, 1973, p. 11)

Na produção que se lê adiante, expande-se o retrato dessa questão. Marcuse (1969, p. 83-87) identifica, no dito “processo civilizatório”, a progressiva sublimação da energia psicossexual nos termos da culpa, ou seja, na supressão da natureza libidinal. Em se tratando do jugo europeu em África, essa construção implica na introdução do pecado e, mais contundentemente, na imposição às mulheres negras e mestiças da condição de objeto sexual que o homem branco, recalcado de seu desejo e cinicamente protegido pelo dualismo patrimônio/matrimônio, relega-lhes.

TRILOGIA

I

Debaixo da máscara deste Carnaval imenso
senti gritar teu sangue
— incontrolado —
de escravo enfim libertado
Quis então dançar contigo
ao som da música vida
a dança de todos os homens
Nossos corpos se fundiram
unidos num só ideal
nas horas longas da noite
ao som de triunfantes clarins

II

(quis desfazer-me em carícias
e mergulhar em vales líquidos
de amor exaltado)

III

Mas meu corpo permaneceu virgem
minhas mãos fecharam-se vazias
os homens negaram-me a vida
e fiquei...
presa ao que de mim
outros fizeram. (Marcuse, 1969, p. 58)

No poema, é enunciada a problemática da persistência da ótica colonial no cenário cultural e relacional cabo-verdiano. Em última instância, vê-se uma denúncia do masculinismo que macula os afetos e impede o porvir de uma contraexistência, na medida em que persistem papéis sociais excludentes. Desse modo, o signo da virgindade, identificado no Ocidente com o ideal de pureza, indica aqui a frustração da proibição de contato mais efetivo e sincero.

Relações intertextuais

As imagens a seguir compõem um jogo hipertextual que dialoga com as requisições díspares acerca do corpo – e, portanto, do desejo – que Duarte discute em sua obra. Nesta fotografia, alinhadas verticalmente no primeiro plano, as figuras femininas à direita representam, por um lado, o artificialismo da rigidez e, por outro, a fluidez da folia. Já na próxima, a dinâmica acirra-se, havendo a profanação da musa ascética.

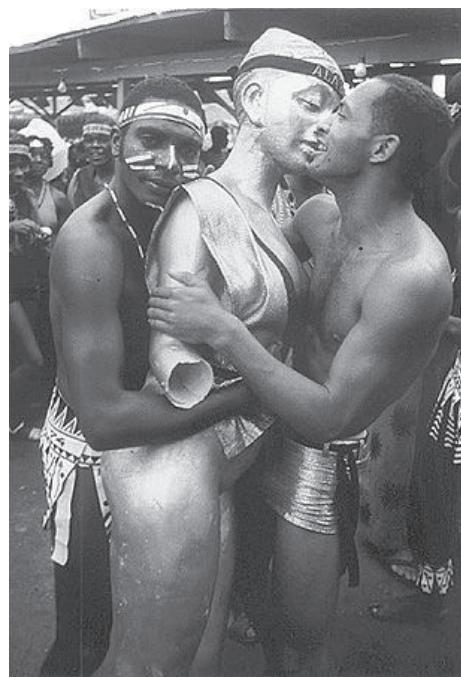


Figura 1: Bloco de Carnaval Cacique de Ramos (1972), fotografia de Carlos Vergara.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.

Figura 2: Mesmo título e autor.



Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural.

Da mesma forma, convém relacionar as proposições aqui atribuídas ao “Caderno” ao retrato do afeto empreendido por Héctor Babenco e Manuel Puig em *O beijo da Mulher Aranha*. Aqui, vê-se uma escalada de conexão calcada no imaginário, na medida em que, companheiros de cela em uma penitenciária latino-americana, o militante Valentin cede à narração deslumbrada de um filme de propaganda nazista que Molina, persona queer marginal, insiste em realizar. Ao fim da narrativa, os papéis invertem-se e, enquanto este torna-se mártir em tentativa desesperada de dar sentido à existência, aquele cede à fantasia em uma alucinação motivada por morfina.

Figura 3: Cena em que Valentin fantasia a respeito da Mulher Aranha, atribuindo a ela as características físicas de sua antiga amante.



Fonte: Folha de S. Paulo.

Quanto a esse tópico, considere-se o matema lacaniano da fantasia: \$ ♀ a (sujeito dividido em equivalente junção e separação psíquica do objeto de desejo do Outro). Para o autor (1999, p. 455), essa conjuntura é benéfica para a construção do desejo e de suas dinâmicas, dado que molda e afirma materialmente a utopia das pulsões; isso acarreta, no limite dialético, em toda a economia libidinal, inclusive no que respeita aos termos civilizatórios da repressão, da sublimação e do amor de transferência.

Lendo Vera Duarte (2023) frente a tais pressupostos, tem-se um paradigma que comporta, por um lado,

Ao partir
apenas uma dor
apenas uma mágoa a marcar o imenso adeus
Apenas teus olhos em mim
E a recusa física da partida necessária (p. 68)

e, por outro, o texto que encerra o “Caderno”,

Ao fim
o meu riso brotou calmo
o imenso fogo da paixão consumou-se
e tudo foi lindo
no esplendor da nossa aurora em flor (p. 70)

Não por acaso, este é nomeado “Epílogo”; ainda que o eu-lírico retrate a agonia em escritos cada vez mais curtos e incisivos, congruentes à dor da partida narrada, é inaugurada a esperança em um *post scriptum* idílico. Dito isso, tanto o filme, quanto os poemas dão o parecer de que a luta contra o colonialismo-imperialismo *não basta* à experiência humana, em ambos os contextos (latino-americano e africano); é preciso vislumbrar um porvir que se configure como objetivo para a vida comunitária, congruente à realização do desejo em afeto.

Por fim, também a respeito de uma meta relacional e interpessoal, situa-se a correlação com a canção “Snowed In at Wheeler Street”, interpretada por Kate Bush e Elton John e composta por aquela. A produção inicia-se com uma interpelação da voz feminina, “Excuse me, [...] but don’t I know you?”, à qual responde a masculina: “We’ve been in love forever” (Bush, 2011). As letras descrevem a trajetória de separação do casal ao longo dos séculos, com marcos temporais como “When we got to the top of the hill we saw Rome burning”, “Then we met in ‘42 but we were on different sides” e “9.11 in New York, I took your photograph”.

Essa formulação complementa as considerações acerca do Amor efetuadas no início da seção anterior. Aqui, respeita-se o pressuposto da alteridade como norte e germe da existência, sendo o Outro do desejo amoroso uma meta não monolítica que corresponde ao traço mais primevo da socialização, atacado pela castração própria do processo civilizatório. Assim, ambas observando que os aspectos de contenda dessa dinâmica acarretam

na separação corpórea, Bush diria “Come with me, I’ll find some rope and I’ll tie us together”, enquanto Duarte (2023, p. 63) assinalaria “Quis dizer que te amava/reter para sempre a brevidade do instante/aspirar o perfume das achadas floridas”.

Tais constatações afinam-se à crítica de Freud que Reich (1990, p. 53-55) empreende, atento ao entrave entre o funcionamento do complexo psicossexual e as barreiras culturais que o circundam no Ocidente. Ainda que a vida nas sociedades modernas demande a satisfação das necessidades do desejo, a fim de evitar a neurose e garantir o agenciamento adequado de corpo e espírito para as atividades do mundo dito civilizado, o regime de proibição que recai especialmente sobre a sexualidade feminina. Desse modo, as produções analisadas deixam entrever ímpeto de revisão – ou mesmo eliminação – da moralidade como sistema de subjetivação inclusive do inconsciente⁵.

Considerações finais

É possível perceber o caráter transgressor da lírica de Vera Duarte frente aos agenciamentos hegemônicos da corporeidade humana, esses pressupostos da instituição burocrática e repressora da civilização. Trata-se de uma política que se configura como *técnica contra a técnica*, na medida em que emprega a tecnologia alienígena da escrita, marco da gênese violenta da identidade e do Estado cabo-verdianos, em conexão com a marca que conecta a humanidade a seus fragmentos eternos de memória, o desejo.

Ao reconhecer essa prática, almejamos situá-la frente ao cenário civilizacional amplo da lusofonia, conjugando seu poder idiossincrático às tensões formadoras das identidades nacionais e da fraternidade forçada. Essas questões põem-se em último na figura do mestiço cabo-verdiano, portadora de angústia melhor descrita nos termos da epígrafe escolhida ao “Caderno”:

Oh o depois mestiço
Nascido
Do crepúsculo de hoje
E da madrugada de amanhã (Lopes *apud* Duarte, 2023, p. 48)

5 O autor chega a conclusões dessa natureza a partir de pesquisa etnográfica, com o cotejo das culturais matriarcais *desnaturalizando* a hegemonia do patriarcado e as práticas libidinais a ele relativas. Assinala, portanto, um “círculo trágico entre a constatação do caráter anticultural da repressão sexual, por um lado, e da sua necessidade cultural, por outro” (Reich, 1990, p. 53-55), em enriquecimento da contribuição freudiana.

Referências

- AGOSTINHO NETO. **Poesia africana.** Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/neto/ano/mes/africana.htm>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- BUSH, Kate. Snowed In At Wheeler Street. In: BUSH, Kate. **50 Words For Snow.** [S.I.]: Fish People, 2011. Faixa 5 (8 min). Disponível em: <https://open.spotify.com/track/1ZZkwzdqst4dJdcx5hLcoo?si=bg3SuqSRTqmfU2O0gTr1Cw>. Acesso em: 24 fev. 2025.
- CHAUÍ, Marilena. Laços do desejo. In: NOVAES, Adauto (org.). **O desejo.** São Paulo: Companhia das Letras; Rio de Janeiro, Funarte, 1990. p. 19-66.
- CARIOU, Marie. **Freud e o desejo.** Rio de Janeiro: Imago, 1973. Coleção Romance e Psicanálise.
- DUARTE, Vera. Caderno III: poemas de bloqueio — e de amor e de ausência (1975–1980). In: DUARTE, Vera. **Amanhã amadrugada.** Belo Horizonte: Nandyala, 2023. 1. ed. brasileira. p. 47-70.
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2011. 1. ed. Tradução de Paulo César de Souza.
- JENNIFER Lopez, Diego Luna e Tonatiuh farão nova versão de ‘O Beijo da Mulher Aranha’. **Folha de São Paulo**, 2024. F5. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/cinema-e-series/2024/04/jennifer-lopez-diego-luna-e-tonatiuh-farao-nova-versao-de-o-beijo-da-mulher-aranha-filme-estrelado-por-sonia-braga.shtml>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- LACAN, Jacques. Lição XXV-11/06/58. In: LACAN, Jacques. **O Seminário – Livro 5:** “as formações do inconsciente”. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização:** uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1969. 4. ed.
- MAUSS, Marcel; DURKHEIM, Émile. Nota sobre a noção de civilização. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, 6 (17), 2007, p. 594-599. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Kourya ao artigo originalmente apresentado em **Année sociologique**, n. 12, 1913, p. 46-50. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/DurkheimMaussTrad.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2024.
- REICH, Wilhelm. **A revolução sexual.** São Paulo: Círculo do Livro, 1990.
- VERGARA, Carlos. **Bloco de Carnaval Cacique de Ramos.** 1972. 1 fotografia P&B. 18 cm X 24 cm. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/104212-bloco-de-carnaval-cacique-de-ramos>. Acesso em: 1 jan. 2025.